

73
HECTARES

É a área do Polo 1 do Ciatic, em Campinas. São ao todo 49 lotes para instalação de empresas

1,173
MILHÃO

De habitantes é a população atualizada de Campinas, segundo dados do IBGE

5,4
BILHÕES

De reais é o valor estimado do Orçamento da Prefeitura de Campinas para 2017

40
ANOS

Completo na última semana o CPqD, um dos principais centros de pesquisa em Campinas

20
MIL

Reais será o prêmio dado ao primeiro colocado no programa de incentivo V8

5
ANOS

É o tempo médio de vida das empresas estimado para o ano de 2017

INOVAÇÃO III NA PRÁTICA

Impressora 3D já faz comida e coração

Programa em parceria com o **Grupo RAC** vai aproximar startups e empresas para superar desafios

Preste atenção a este dado: em 1970, a expectativa de vida de uma empresa era de 70 anos. Em 2017, essa mesma expectativa deve cair para algo em torno de 5 anos. Isso mesmo, apenas 5 anos. Por que isso acontece? As coisas estão evoluindo e mudando com uma velocidade impressionante, muito por conta das startups, que passaram a produzir soluções inteligentes, mais rápidas e menos burocráticas que as grandes empresas, que estão sendo engolidas e precisam pensar, com urgência, em como reagir e sobreviver.

Organizadores vão percorrer 15 cidades em busca de ideias

Só para citar dois exemplos, empreendedores já conseguem imprimir comida e estão desenvolvendo órgãos humanos, como coração, que num futuro próximo poderão ser implantados em humanos como forma de sanar doenças e problemas que hoje prejudicam a qualidade de vida e podem levar à morte (veja textos nesta página).

Pensando nisso, um evento que será realizado em Campinas com a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, em outubro, em parceria com o **Grupo RAC**, vai abrir a caça a boas ideias e empresas abertas a conhecê-las. “O Programa V8 Startup – Conectando Grandes Empresas e Startups vai buscar ideias pelo Brasil, dar um ‘banho’ nelas e fazer com que se tornem viáveis”, afirma Marina Khattar de Godoy, que é cofundadora do projeto junto com Fernando Gracioli Teixeira.

A ideia é reunir três empresas parceiras, que irão apresentar desafios e problemas reais que enfrentam, e que serão “resolvidos” por candidatos. Serão selecionados 15 projetos para cada empresa em uma primeira fase. Num segundo momento, as 10 melhores propostas serão classificadas para uma fase mais específica, na qual passarão dois meses sob mentoria de líderes empresariais, anjos e especialistas em inovação.

Ao final de toda essa maratona de conhecimento, um júri escolhe a melhor ideia, que vai ganhar R\$ 20 mil para produzir um projeto piloto com mais dois meses de suporte técnico.

Força

Em um momento em que a economia do País está em dificuldade, com quedas do PIB, desemprego em alta e empresas fechando, o setor de tecnologia cresce entre 20% e 30% por ano sem perceber esses impactos”, diz Eduardo Gurgel do Amaral, diretor do Inova.

“Graças às inovações tecnológicas, o mundo está entrando em uma era de geração de riqueza sem precedentes”, disse Alessandra Bomura, CIO (Chief Information Officer) da operadora de telefonia Vivo, no *Seminário Lide Tecnologia*, na última semana, em São Paulo.

Atração

Para atrair os criadores de startups, a ideia é percorrer 15 cidades do Brasil que se destaquem no cenário de inovação, como Recife, Manaus e Florianópolis, apresentando a proposta do programa, as empresas parceiras e seus desafios. “Nos Estados Unidos, uma falha é tratada como aprendizado, mais uma sabedoria acumulada. No Brasil não, um erro é motivo para desistir de um projeto. Nós queremos ajudar a mudar isso, a unir as pontas”, diz Marina.

A ideia é, além de auxiliar tanto os criadores de startup quanto as empresas, fortalecer o polo de alta tecnologia de Campinas. “Nosso sonho é transformar o Brasil em um País que vai adiante unindo as pontas. Temos que dar as mãos”, declara. “A próxima onda são as startups, elas vão arrastar tudo. São mais rápidas e pouco burocráticas, muito livres. Conseguem pensar em crescimento sem custos adicionais e são focadas em encontrar e resolver problemas.”

José Eduardo Azarite, presidente da Fundação Fórum Campinas Inovadora, cita o caso da indústria automobilística como um possível cenário de mudanças nos próximos anos. O trabalho pesado e “sujo”, como extração e transformação de metais (ferro e aço) acaba ficando a cargo de países como o Brasil. “Enquanto as coisas ligadas a tecnologia e inovação, como o design e a criação de dispositivos inteligentes, são feitas no Primeiro Mundo. A proposta da nossa iniciativa é inverter essa lógica e trazer para Campinas condições de brigar pela parte mais nobre”, disse.

“Imagine por exemplo aquelas estações de locação de bicicletas que se tornaram tão comuns. Em alguns países, as coisas estão caminhando para que esse modelo passe a oferecer carros. Pessoas passariam a não precisar mais comprar um veículo próprio. Isso mudaria a configuração do cenário atual. A fábrica de carros passaria a correr atrás de uma forma de se manter no mercado, ou criando serviços de locação rápida ou inventando alguma outra forma para continuar operando. Imagine o tamanho dessa mudança... Tecnologia e inovação estão no centro disso tudo”, afirma. (GB/AAN)



Divulgação

Médico espera que tecnologia esteja pronta em até 15 anos

O médico brasileiro Gabriel Liguori trabalha em um ambicioso projeto que promete provocar uma revolução também na área de saúde. Ele desenvolve um método que pretende permitir, dentro de 15 anos (estimativa do próprio Liguori), imprimir e implantar em pacientes um coração artificial.

Formado na Universidade de São Paulo, Liguori tem apenas 26 anos e é bolsista da Fundação Estudar, além de doutorando na Universidade de Groningen. Antes, passou um período em Harvard e estagiando no Children's Hospital Boston, considerado um dos melhores dos Estados Unidos na pediatria.

“O período em Harvard foi catalizador da minha vontade de fazer pesquisa científica inovadora e de qualidade”, afirma, em entrevista ao site *Na Prática*, ligado à Fundação Estudar. “Boston e Cambridge respiram ensino e pesquisa, e espero que eu e os colegas da Fundação Estudar, ao voltarmos, possamos criar uma rede de desenvolvimento acadêmico e trazer a realidade das universidades americanas e europeias para o País.”

Na Universidade de Groningen, onde pesquisa engenharia de tecidos e próteses cardiovasculares, Gabriel tem interesse especial pela promessa da impressão 3D, tanto de objetos de plástico quanto feitos com biomaterial. “A engenharia de tecidos procura organizar polímeros, células e biomoléculas de maneira a construir tecidos vivos para a reposição e regeneração de órgãos ou parte deles.”

A criação artificial de órgãos é uma frente promissora na medicina e pode ajudar a salvar vidas que esperam em filas de transplante. Em 2014, para acabar com a fila no Brasil eram necessários 62 mil órgãos doados (exceto córnea). Segundo a Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos, há 32 mil brasileiros na fila por órgão compatível – mais de 200 deles à espera de um novo coração.

“Há um século, as pessoas morriam devido a infecções que agora são facilmente tratadas com antibióticos”, destaca o doutorando. “Hoje, o câncer e as doenças cardiovasculares são o grande desafio, mas daqui cem anos acredito que poderemos ser imortais.” (GB/AAN)

Ravioli ‘a jato’ fica pronto em só 2 minutos

Uma verdadeira revolução se prepara para se espalhar pelo mundo nos próximos anos. Impressoras 3D de alimentos vão permitir que as pessoas possam imprimir a sua comida, da forma de quiserem, e preparar pratos decorados, de qualquer formato, cor ou sabor em curto espaço de tempo. A máquina foi criada pela empresa Natural Machines e se chama Foodini. Trata-se

de uma espécie de impressora 3D que imprime diversos alimentos a partir de uma base feita com ingredientes variados. O equipamento é compacto — possui 17 centímetros de largura e 18 de altura — e tem funcionamento simples: o usuário seleciona uma receita pré-definida a partir de uma tela sensível ao toque ou envia a sua própria receita para a máquina, conectada à internet. A

partir daí é só inserir os componentes individuais de cada ingrediente na impressora. Se, por exemplo, o usuário for preparar uma receita de ravioli, Foodini imprime a camada inferior de massa, o enchimento e a camada de massa do topo em passos subsequentes. O tempo de preparo cai de quase 1 hora para apenas 2 minutos. E o melhor, sem farinha espalhada por todo lado. (GB/AAN)

As cidades inteligentes

O conceito de cidade inteligente vai muito além de cabeamento com fibra ótica e oferta de internet wi-fi em praça pública. Para ser, de fato, inteligente, uma cidade deve facilitar a vida de seus moradores, que teriam muito mais tempo para si mesmos se trabalhassem e se divertissem em locais próximos de suas moradias.

Segundo a união Européia, as Smart Cities são sistemas de pessoas interagindo e usando energia, materiais, serviços e financiamento para catalisar o desenvolvimento econômico e a melhoria da qualidade de vida. Esses fluxos de interação são inteligentes pelo uso estratégico de infraestrutura e serviços e de informação e comunicação com planejamento e gestão urbana para

dar resposta às necessidades sociais e econômicas. De acordo com o Cities in Motion Index, do IESE Business School na Espanha, 10 dimensões indicam o nível de inteligência de uma cidade: governança, administração pública, planejamento urbano, tecnologia, o meio-ambiente, conexões internacionais, coesão social, capital humano e a economia.

“Com menos deslocamentos haveria mais tempo para lazer, para estudos, para convivência familiar. Além de redução da geração de poluentes com o uso de veículos. Tudo está interligado. Haveria mais segurança, mais gente andando de bicicleta e dando atenção para cuidar da própria saúde. E a tecnologia abre caminho para que tudo isso se torne real”, afirma

Amaral.

Mas o caminho não é simples. Cidades de Primeiro Mundo planejaram esse conceito “inteligente” por mais de 50 anos para atingirem os níveis de excelência dos dias de hoje. “Um exemplo é o da nossa vizinha Colômbia, que em 20 anos provocou mudanças que fizeram o país subir de patamar e começar a ser reconhecido por isso”, afirma Amaral. O capítulo mais recente foi a assinatura de um tratado de paz entre as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e o governo, em agosto. Esse tratado colocou fim a décadas de violência entre guerrilheiros e o Exército.

Cidades como Bogotá e Medellín se destacaram com seus projetos inovadores e ganharam

prêmios internacionais recentemente como inovadoras e inteligentes.

Mas qual seria o caminho? Pensar o futuro ou começar a transformar o que já existe? “As duas coisas. Planejar o futuro é algo mais prático e real, que pode ser feito com boas políticas públicas que sejam pensadas a longo prazo e que tenham continuidade, não sejam interrompidas quando muda o gestor público. E as mudanças no cenário que existe hoje também passam por esse planejamento. Mas com uma diferença: é preciso investimento para começar. O caso da Avenida Francisco Glicério, no Centro de Campinas (que acaba de passar por uma transformação), mostra que as mudanças são possíveis”, disse Amaral. (GB/AAN)



Eduardo Gurgel do Amaral (à esq.) e José Eduardo Azarite em entrevista ao *Correio*